

Quadro Geral da Acessibilidade no Atrativo Estancia Mimosa Ecoturismo, Destino Bonito, MS.

Resumo: A acessibilidade é um dos principais gargalos na gestão pública ou privada de atrativos turísticos no Brasil. O presente artigo teve como objetivo principal analisar a gestão da hospitalidade no atrativo turístico Estância Mimosa Ecoturismo, em Bonito - MS, com a possibilidade de implantação do turismo acessível para pessoas com mobilidade reduzida. Dessa forma, a metodologia utilizada permitiu realizar uma entrevista semiestruturada com o gestor do atrativo e ainda percorrer toda a extensão da trilha de caminhada, realizar a cavalgada e o passeio de barco, produtos oferecidos aos visitantes e turistas a fim de propor alterações e adaptações na estrutura, tendo em vista, receber turistas com e sem mobilidade reduzida temporária ou definitiva. Os resultados sugerem a mudança de postura da gestão e a aplicação de recursos econômicos nessas adaptações e construções tendo em vista atenderem a legislação vigente no Brasil e igualmente a certificação ABNT NBR: ISO21101 que versa sobre o Sistema de Gestão da Segurança no atrativo o que classificamos como um grande passo na universalização da visitação turística no local.

Palavras-chave: Unidades de Conservação; Turismo acessível; Atrativos turísticos de Bonito – MS.

Abstract: An accessibility is one of the main bottlenecks is the public or private management of tourist attractions in Brazil. The present article had as main objective to analyze the Estância Mimosa Ecotourism tourist attraction, in Bonito - MS, with the possibility of implantation of accessible tourism for people with reduced mobility. In this way, the methodology used allowed a structured semester interview with the manager of the attraction and also to cross the whole length of the walking trail, to carry out the cavalcade and the boat trip, products offered to visitors and tourists with or without temporary reduced mobility or definitive the results suggest a change of management posture and the application of economic resources in these adaptations and constructions in order to comply with the Brazilian legislation and also the ABNT NBR: ISO21101 certification that Versa on the management system of Safety in attraction What Classics Are Like a big step in the universalization of the tourist visitation in the place.

Keywords: Conservation Units; Affordable tourism; Tourist attractions of Bonito – MS

Introdução

A acessibilidade em turismo apresenta uma preocupação ética e socialmente relevante, albergam igualmente, uma dimensão econômica importante, nem sempre valorizada pelos responsáveis do planejamento e gestão do turismo. Esta falta de interesse por parte dos agentes prestadores de serviços turísticos pode ser justificada, em parte, pela falta de informação e de conhecimento sobre o potencial econômico do turismo designado “acessível” (DEVILE; JESUS & CRUZ, 2011).

A oferta turística acessível deve ser entendida num quadro alargado de públicos diferenciados, que incluem, além das pessoas com deficiência como motoras ou visuais, além de pessoas que manifestam incapacidade temporária resultante de um acidente ou doença, as que viajam com crianças pequenas ou com idosos, mulheres em avançado estado de gravidez, pessoas com excesso de peso, entre outras situações. Embora o fornecimento de uma infraestrutura acessível seja a base para a participação nas atividades turísticas por parte destes públicos, a acessibilidade no turismo é também uma questão de ambientes e de experiências positivas (YAU et al., 2004).

Na verdade, o desenvolvimento de destinos turísticos acessíveis passa em grande medida pela mobilização dos atores locais, do turismo e de outros setores, de modo a promover uma cultura de acessibilidade que se estendem aos diferentes serviços que compõem a oferta turística como o atrativo turístico que é objeto de estudos desse artigo a RPPN (Estância Mimosa Ecoturismo).

A Estância Mimosa Ecoturismo na cidade de Bonito (MS) foi criada como um local para que as pessoas tenham momentos de lazer e prazer no que tange o contato direto com a natureza e ao divertimento. Porém a procura de visitantes e turistas com mobilidade reduzida ou necessidade especial permanente ou temporária motivou a construção desse estudo quando em estágio supervisionado obrigatório do Curso de Turismo da universidade Estadual do Mato Grosso do Sul se observou discrepância entre o fluxo de turistas e visitantes nessa condição e a fragilidade da infraestrutura adequada para esse público.

Desse modo, o objetivo principal desse estudo foi analisar a gestão da hospitalidade no atrativo turístico E.M. E, em Bonito - MS, com a possibilidade de implantação do turismo acessível para pessoas com mobilidade reduzida.

A metodologia foi dividida em etapas de campo e de gabinete e consta do subitem materiais e métodos onde se demonstrou a importância do trabalho de campo com pesquisas semiestruturadas com os gestores do atrativo e também pelo uso de ferramentas digitais disponíveis como plataformas digitais APP como o aplicativo Wikiloc que auxilia na marcação de pontos de controle de GPS e ainda no armazenamento de fotografias e dados dos locais visitados o que foi de grande importância para a pesquisa.

Os resultados apontam para a importância de adequação do atrativo pesquisado e também para a efetivação de projetos de ampliação e adaptação de estruturas. Houve sugestões, por parte do pesquisador de melhorias na sinalização turística das trilhas, de ajustamento de trilhas e locais do receptivo e dos apartamentos, além do monitoramento dos trechos de trilha e decks existentes para que possam turistas e visitantes usufruir dos passeios de barco e cavalgada e todos os demais produtos turísticos existentes sem constrangimentos na recepção e operação.

Aspectos Importantes Sobre o Segmento de Ecoturismo no Brasil

Essa prática de atividades turísticas conforme os conceitos mundialmente consagrados de turismo sustentável – o chamado ecoturismo – ainda encontra muitas resistências e dificuldades no Brasil. Este setor não está acostumado ou preparado para operar dentro das normas e limitações que

esse tipo de atividade exige, o que às vezes torna bastante difícil a viabilidade comercial dos produtos que procuram seguir tais conceitos.

O principal objetivo, frente a isso, é de fazer turismo respeitando o meio ambiente, e garantir que esses atrativos naturais e culturais estejam disponíveis para visitação por muito mais tempo, possibilitando às pessoas que atuam nesse setor da economia uma oferta constante e duradoura de empregos (MANÇO & COELHO, 2000).

Ainda que em uma primeira análise a lucratividade seja menor, quando comparada a locais que não demonstram tais preocupa es, em médio e longo prazos recupera-se esse prejuízo por meio da conserva o ambiental, que, em última análise,   a maior fonte geradora de recursos.

O passeio consiste de duas etapas: a cultural, onde os visitantes são recebidos em uma casa de fazenda mantida ao máximo dentro de suas características originais, tendo nas proximidades, vários atrativos rurais; e a natural, na qual   realizada uma caminhada pela mata ciliar do rio Mimoso, com paradas para contempla o e banhos de cachoeira e cavalgadas. Procurou-se aplicar os conceitos de valoriza o cultural associados ao ecoturismo, além de explorar racionalmente os aspectos naturais da região (MANÇO & COELHO, 2000).

No âmbito do nosso turismo a palavra Hospitalidade, até o momento tem sido usada num sentido próximo do senso comum. Mas o que entendemos sobre o que chamamos de no o francesa de hospitalidade? De quem falamos? Conforme Camargo (2007, p. 34):

[...] estamos acostumados por tempo demais a utiliz -la banalmente a ponto de o seu poder heurístico nos ser de difícil apreensão. N  obstante a razoável divulga o da no o substantiva de hospitalidade, o termo parece estar sendo usado apenas como sin nimo ou até como adjetivo de turismo e hotelaria. Dito de outra forma, talvez exagerada, tem sido utilizada um tanto quanto em v o, apenas permitindo aos iniciantes adicionar algumas linhas ou páginas sobre um novo t pico, que tem um nome tão agradável! [...]

Baptista (2002, p.157-8) define:

[...] a hospitalidade como um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em rela o ao outro. As práticas de hospitalidade deverão marcar todas as situa es da vida, ou seja, não deverão ficar circunscritas   disponibilidade para receber o turista, o visitante que chega de fora e está de passagem pela cidade,   necessário que esta atitude de acolhimento e cortesia se estenda a todo o próximo, seja o vizinho, o colega de trabalho, um desconhecido. [...]

Desta forma,   preciso pensar no turismo não apenas como o ato do deslocamento, mas como uma atividade multidimensional obtida através da soma de fen menos e rela es originadas da inter-rela o dos componentes envolvidos no processo de captar e receber os turistas na localidade, entendendo-o, no contexto deste trabalho, como uma possível dimensão da hospitalidade (CAVENAGHI & MARIO, 2015).



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

Desenvolveu-se, assim, a ideia de um turismo alternativo, contrário ao turismo predatório, o qual não gerasse prejuízos às comunidades e ao meio ambiente (PIRES, 2002). Dentre os grupos sociais que configuram a demanda por lazer e/ou recreação em parques, encontram-se grupos de idosos.

Segundo Corazza (2001) destaca que a motivação de desfrutar do tempo livre faz com que muitos idosos optem por novas descobertas e por conhecer coisas e lugares diferentes. No entanto, em decorrência do processo de envelhecimento, os idosos enquadram-se no grupo de pessoas com mobilidade reduzida. Assim sendo, as existências dessas especificidades devem ser observadas e avaliadas anteriormente ao exercício de qualquer atividade desenvolvida por esses indivíduos.

Ao considerar que, nos parques, as trilhas são um dos principais meios de acesso aos atrativos, elas devem ser projetadas de forma a garantir a conservação do espaço visitado e suprir as necessidades de lazer e/ou recreação de seus visitantes (ANDRADE, 2005; apud LUIZ & TEIXEIRA, 2016). Desse modo, as trilhas devem estar aptas a atender às especificidades dos grupos com mobilidade reduzida e isso é possível a partir da promoção da acessibilidade.

Ecoturismo em Categorias de Unidades de Conservação – RPPN's

O aumento do ecoturismo e seu potencial contido em Unidades de Conservação (UC's) brasileiras incentivam à reflexão acerca do grande desafio de conciliar uso público e conservação dos recursos naturais. Segundo Rudzewicz (2006) “ainda é pouco explorada a inter-relação ecoturismo e Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPNs) no Brasil, essa categoria de Unidade de Conservação criada espontaneamente do proprietário privado destinando a conservação dos ecossistemas”.

De acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação/SNUC (Lei Federal No 9985/2000), devem ser elaborados planos de manejo para nortear a gestão das RPPNs, que se constitui em um documento técnico, mediante o qual, fundamentam-se os objetivos gerais de uma unidade de conservação, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área, além do manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade (COELHO et al. 2006).

Desse modo, o ecoturismo deve integrar os princípios da sustentabilidade em todas as suas instâncias (econômica, ecológica e social), além do caráter educativo e da experiência do turista na natureza preservada e o comprometimento com a comunidade local no processo de planejamento e

gestão, sob uma perspectiva de longo prazo. (CHAVEZ & ROSEBAL, 1993; CEBALLOS-LASCURÁIN, 1990; PIRES 2002 & RUDZEWICZ et al. 2008)

Outro aspecto importante é o fato de que o ecoturismo pode gerar recursos necessários e produtos para a economia regional e local, maior consciência da importância da conservação, bem como novos incentivos para que os governos e os habitantes próximos das áreas das RPPNs saibam preservá-los. Esses produtos “eco turísticos” disponíveis no mercado pretendem, em muitos casos, apenas atender ao apelo da demanda de maior contato com a natureza, reconfiguram práticas e preceitos acerca do real propósito do ecoturismo. Assim, quando se destacam áreas de conservação e preservação ambiental como sendo o maior patrimônio natural turístico do país, a rotulação “eco” também aparece, em alguns casos, para designar qualquer tipo de atividade que coloque o turista em contato com a natureza (RUDZEWICZ, 2006; RUDZEWICZ et al. 2008).

Por outro lado, e na maioria dos casos, os parques nos países em desenvolvimento surgiram há relativamente pouco tempo e não contam com estruturas suficientes e adequadas para a atividade ecoturística, carecendo até mesmo de guias treinados e materiais ilustrativos. Pois é fruto de um planejamento turístico inadequado ou inexistente nas Unidades de Conservação onde há visitação pública, aliando fatores como falta de estrutura turística adequada, mau comportamento ou falta de informação do turista ao visitar um atrativo natural, irresponsabilidade dos prestadores de serviços turísticos, e distanciamento da comunidade local no processo de instituição e manejo das UC's. Nessas situações, o turismo acaba sendo agente causador de impactos negativos, ambientais, econômicos e sociais para o local (RUDZEWICZ, 2006; RUDZEWICZ et al. 2008).

O fato que não se pode perder de vista é que o ecoturismo nas RPPNs deve estar atrelado ao objetivo da conservação, e por isso, necessita ser planejado mediante a observação das características a que propõe o seu conceito, transpondo a discussão teórica para práticas efetivas (RUDZEWICZ, 2006; RUDZEWICZ et al. 2008). Nesse sentido, o que tem demonstrado que turismo e meio ambiente podem ser compatíveis, e como destaca Neiman e Mendonça (2000, p. 107):

[...] devemos atentar para o fato do ecoturismo poder se tornar uma atividade com dinâmica própria, capaz de proporcionar experiências de resgate muito significativas para os indivíduos e para a sociedade, e que esse enorme potencial pode estar sendo desperdiçado. Pensando assim, acreditamos que o ecoturismo não pode ser reduzido à retórica do desenvolvimento sustentável. [...]

Acessibilidade em Trilhas Ecoturísticas: Caso da Gestão no Atrativo Estância Mimosa Ecoturismo

As trilhas deixaram de ser um simples meio de deslocamento para se tornarem um novo meio de contato com a natureza. Isso se justifica pelo fato de que as trilhas possibilitam o contato do homem com os ambientes naturais, sendo uma alternativa para mostrar a importância dos ambientes bióticos e abióticos (COSTA 2006).

O qual esta simula a sensibilização humana que possibilita a compreensão do ambiente natural e suas inter-relações e leva à aquisição de valores relacionados à conservação do meio ambiente (CAMPOS & FILLETO 2011, SILVA & FIGUEIREDO 2011) o qual tem sido praticada em todo o Brasil (IKEMOTO et al. 2009). O uso de trilhas vem aumentando nas últimas décadas, principalmente em áreas de proteção ambiental.

Trilhas ecológicas é uma possibilidade e alternativa de promover a conscientização, socialização e a construção coletiva de conhecimento sobre como as ações antrópicas sem planejamento tem prejudicado o meio ambiente, e como podemos mudar nossa concepção e torna-se pessoas mais responsáveis e atuantes em defesa da natureza (SILVA & SORIANO, 2015; MORITZ, 2014).

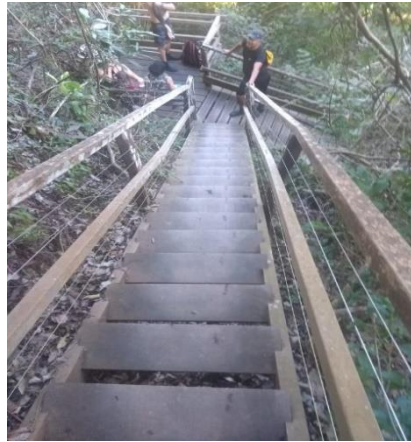
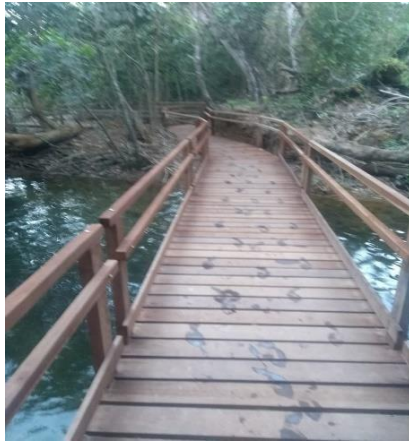
Este tipo de educação leva a reflexão por parte dos visitantes que tem a oportunidade de compreender e estar em contato com o ar livre e o meio natural, para observar as belas paisagens, sendo também uma ótima opção para quebrar a rotina dos grandes centros urbanos, e um excelente instrumento didático para o estudo do meio ambiente. Este ato de reflexão sobre determinada situação, muito provavelmente fará com que o indivíduo passe a agir em prol de benefícios que este possa oferecer a conservação na natureza (SILVA & SORIANO, 2015; MORITZ, 2014).

Entretanto as trilhas podem ser consideradas um paradoxo à conservação e restauração dos ambientes naturais. Se por um lado representam uma ferramenta a favor da conservação e restauração por permitirem o contato do homem com a natureza e a conscientização da necessidade de conservar, também constituem uma fonte de distúrbio a esses ambientes (EISENLOHR et al. 2009, 2011)

A acessibilidade é um tema que está cada vez mais em evidência no Brasil. São notáveis os avanços da legislação específica sobre os direitos das pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida na última década e têm crescido os esforços para garantir o acesso dessas pessoas a todos os bens e serviços com segurança e autonomia. As possibilidades de usufruir de respostas adequadas no domínio dos espaços turísticos. Faz-se necessário considerar que muitos indivíduos com necessidades específicas não têm acesso aos serviços.



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu



Figuras 1 e 2. Trilhas da Estância Mimosa Ecoturismo
Fonte: O autor

A Lei nº 10.098/2000 estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, conceituando a acessibilidade como:

[...] possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL. Lei nº 10.098, 2000)

Os segmentos de turismo de aventura e ecoturismo devem estar abertos aos avanços da legislação e a essa demanda crescente, incorporando em suas atividades as questões relativas à acessibilidade. Ainda que haja muito a ser feito para que a legislação vigente seja de fato implementada, essas mudanças indicam um amadurecimento da sociedade brasileira sobre o tema. Devemos lembrar que pessoas com mobilidade reduzida devem ser respeitadas em suas particularidades, por isso que dizemos que se não promovemos a acessibilidade, estamos perpetuando a discriminação.

Segundo a Secretaria de Turismo, Bonito/MS está, aos poucos, em processo de adaptação dos seus passeios. As agências de turismo estão preocupadas com este público também o trabalho do atendimento é um dos pontos mais importantes para a acessibilidade dos passeios. Há o cuidado de pensar nos diversos tipos de deficiência como inclusão.

Nessa mesma linha de pensamento o atrativo E.M.E segundo a NBR 9050 (ABNT, 2004): “A norma determina que o termo acessível seja relacionado ao local e elemento que possa ser alcançado, acionado, utilizado e vivenciado por qualquer pessoa, inclusive aquelas com mobilidade reduzida”. (SILVA & TELES, 2014).

A importância da capacitação dos guias como um dos pontos principais para melhorar a acessibilidade no atrativo E M E. Apresentam vários passeios. Quando se trata de locais naturais que não é possível utilizar muitos recursos como elevadores e outros recursos tecnológicos para não descaracterizar o ambiente natural.

Pensando na visitação como um dos principais meios para sensibilizar a sociedade em relação à importância da conservação ambiental e visando proporcionar experiências únicas para todos os visitantes, inclusive os com algum tipo de deficiência, a E.M. E trabalha para diversificar e se adequar ainda mais nas atividades de ecoturismo oferecidas em seus passeios.

Materiais e Métodos

Os referenciais bibliográficos auxiliaram até esse momento na compreensão de temáticas como: acessibilidade, ecoturismo e trilhas, além da importância de técnicas de mínimo impacto para empreendimentos ecoturísticos em unidades de conservação como a RPPN Estância Mimosa Ecoturismo. Com isso, proceder-se á a descrição do roteiro teórico – metodológico utilizado para coleta e análise dos dados primários e secundários para elaboração do presente estudo.

Para coleta de dados, escolheu-se o método de pesquisa por entrevista estruturada. Esta ferramenta de coleta de dados primários de pesquisa é eficaz quando se deseja coletar uma variedade de dados técnicos, utilizando uma amostra não probabilística de conveniência, onde o pesquisador seleciona membros da população mais acessíveis, neste caso com pessoas especialistas e com domínio do assunto a ser abordado (DENZIN & LINCOLN, 2006; MATTAR, 1996, p. 132).

Outro ponto destacado da metodologia é o uso do aplicativo Wikiloc para determinar o formato das trilhas no atrativo, sugerir adequações e sinalização de níveis de dificuldade e acesso de pessoas com mobilidade reduzida, temporária ou permanente.

A figura 3 denota essa importância no auxílio que permitiu a marcação das trilhas existentes no atrativo e que formam o acervo de possibilidades de visitação e passeios disponíveis aos visitantes. Na imagem é possível observar além do formato da trilha já ajustado em “oito” adequado para esse modelo de trilha, entretanto, observa-se níveis de elevação do terreno mais sensíveis a prática de hiking¹ e trekking² para visitantes e turistas com mobilidade reduzida

¹ HIKING- Caminhada de curta duração;

permanente ou temporária. Desse modo em resultados e discussões aponta-se para uma adequação desse importante equipamento no atrativo.



Figura 3. Mapa da trilha com uso do GPS
Fonte: Wikiloc.com



Figura 4. Dados da trilha obtidos pelo aplicativo de celular Wikiloc.com
Fonte: Wikiloc.com

O uso de GPS e fotografia também será importante para levantar aspectos da paisagem e para identificar elementos de fauna e flora que possam sugerir locais de interesse para visitantes e turistas desfrutarem pela técnica autoguiada.

² TREKKING – Caminhada de longa duração;

A observação também é considerada uma coleta de dados para conseguir informações sobre determinados aspectos da realidade. Ela ajuda o pesquisador a identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. A observação também obriga o pesquisador a ter um contato mais direto com a realidade. Esta técnica é denominada observação assistemática, onde o pesquisador procura recolher e registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais, ou seja, sem planejamento ou controle. Geralmente este tipo de observação é empregado em estudos exploratórios sobre o campo a ser pesquisado. (LAKATOS, 1996; BONI & QUARESMA, 2005).

Nesse caso a observação se deu em dois momentos oportunos. O primeiro durante a realização do estágio supervisionado obrigatório, ainda no decorrer das atividades discentes.

Nesse momento foi possível observar a falta de um público que são de pessoas com mobilidade reduzida devido à falta de estruturas adequadas para receber esse grupo de turistas. Essas razões que foram os motivos em que me levaram a essas pesquisas. No atual momento como pesquisador e observador das realidades ainda no tempo de estágio.

O segundo momento se deu em retornar na E.M.E. no dia 06/09/2018 saímos da cidade de Dourados em deslocamento até a cidade de Bonito/MS, em uma distância de aproximadamente 310 km até a sede da E.M.E. Após isso nos preparamos para percorrer as trilhas, cachoeiras e outros passeios que são oferecidos aos visitantes. Logo após realizamos a entrevistas semiestruturada com o gestor da E.M.E. para uma coleta de informação afim de me aprofundar nessa pesquisa com mais detalhes destacando a importância dos estudos contínuos de pesquisa sobre acessibilidade para obtenção de dados confiáveis e fidedignos de pesquisa ao final.

A importante desse trabalho de pesquisa no que se refere a esse estudo fez com que a pesquisa se desenvolvesse em uma certa dose de flexibilidade, no sentido a acessibilidade, de substituir, ou mesmo suprimir uma necessidade de adequação de acordo com as evidências e os resultados obtidos durante o tempo de pesquisa.

Considerações sobre a área de estudos – Estância Mimosa Ecoturismo e sua infraestrutura

A Estância Mimosa Ecoturismo (coordenadas 20°58'49"S / 56°30'32"W) situa-se a 26 km ao norte do município de Bonito/MS, às margens do Rio Mimoso, um dos Afluentes do Rio Formoso. O acesso à E.M.E é pela rodovia MS 178 (Bonito/MS-Bodoquena/MS), pertencentes à

microrregião geográfica denominada serra da Bodoquena, a 330 km da capital de Campo Grande/MS.

A área total da fazenda é de 402 ha, assim distribuídos: a) 201 ha (50 %) = cerrados e matas ciliares; b) 120,6 ha (30 %) = campos nativos; c) 80,4 ha (20 %) = pastagens formadas e capoeiras (pasto desativado para recuperação da vegetação original). O relevo na propriedade é bastante acidentado, fato que favoreceu sua preservação pelos proprietários anteriores, por possuir grande parte de suas terras em áreas consideradas de preservação permanente (encostas, morros e matas ciliares) (MANÇO & COELHO, 2000; ESTÂNCIA MIMOSA ECOTURISMO, 2015)

Assim como outros atrativos localizados na região de Bonito/MS, Jardim/MS e Bodoquena/MS, o turismo tem ganhado força desde meados dos anos 90, quando diversos veículos de imprensa começaram a divulgar a região em matérias e reportagens, assim outras diversas áreas em propriedades particulares foram dando início no desenvolvimento com atividades turísticas na região havendo hoje mais de 30 atrativos nessas regiões. (ESTÂNCIA MIMOSA ECOTURISMO, 2015).

A Estância Mimosa Ecoturismo quando adquirida no ano de 1998, tinha na pecuária extensiva sua principal atividade econômica. Posteriormente iniciaram-se os trabalhos para implantação de infraestrutura turística, por meio de ações, como melhorias na estrutura do receptivo e vias de acesso, contratação e capacitação de mão-de-obra, implantação da trilha de passeio, contatos comerciais com agências e operadoras de turismo. Nos dias atuais a pecuária é tida como atividade econômica secundária na RPPN.

Infraestrutura física atual

Antes mesmo de chegar à sede é preciso andar por uns 5,5 km de estrada de chão, toda cascalhada e sinalizada. Logo que o turista chega ele tem estacionamento com sombras das árvores. Na sede o visitante encontra uma típica casa de fazenda Sul-mato-grossense com varanda em toda sua volta, grandes mesas e bancos para que o visitante fique à vontade para fazer sua refeição ou conversar.

Já no entorno da fazenda tem bastante mata, pássaros e algumas redes que são colocadas debaixo das árvores formando os erário para um descanso logo após o almoço ou do passeio de 2.800 m. No local também tem uma lagoa que abriga os jacarés que fazem com que os turistas fiquem bastante fascinados. Ali os turistas contam com os banheiros que são bem limpos.

Os lugares dos equipamentos, que são bem cuidados e conservados para atender os turistas, tem o bar, a cozinha com fogão de lenha, típico da fazenda, no mesmo espaço tem a loja com vários objetos como camisetas, bonés, cabaças e vários outros artesanatos. A infraestrutura física da E.M.E é estabelecida por um limite no passeio que está diretamente ligada a preservação da natureza. Foi estabelecida uma capacidade de carga³ de treze grupos de passeios por dia limitado a doze pessoas por grupo totalizando 156 visitantes ao dia, de modo a manter a qualidade do serviço e o respeito ao meio ambiente.

Dentro dessa infraestrutura a todo o momento está sendo verificado e estudado o passeio para que haja melhorias, e se garanta o menor impacto na natureza, para que dessa forma o atrativo venha proporcionar melhores condições físicas ao visitante, oferecendo mais espaço para descanso, algumas áreas de lazer com jogos enquanto o turista aguarda o momento do passeio pelas trilhas e cachoeiras.

Atividades oferecidas aos visitantes e turistas

A Estância Mimosas Ecoturismo tem como principal atividade o ecoturismo que se destacam em seus passeios se dedicando a proporcionar aos visitantes uma experiência agradável e diferenciada. As principais, ações estão sempre embasada em três pilares fundamentais: a qualidade dos serviços prestados, segurança para os visitantes e conservação ambiental.

A proposta da E M E não é apenas mostrar aos visitantes as belezas naturais da região, como também um pouco da peculiar cultura sul-mato-grossense. Para atingir estes propósitos, a antiga sede da fazenda foi conservada em seu estilo original, recebendo apenas algumas melhorias para possibilitar a visita turística, por exemplo, o museu da fazenda exposto no receptivo, como é possível observar nas figuras 5 e 6.

O início do roteiro do passeio é na casa-sede da fazenda, onde é servido um lanche com doces e salgadinhos típicos da região, preparados especialmente para os visitantes. A cozinha é cortada por uma bica de água corrente e a casa possui um redário montado à sombra de um caramanchão de maracujás, como é possível observar nas figuras 7 e 8 e também uma lagoa que serve de morada para os jacarés, um pomar onde há diversas frutas (que podem ser colhidas), viveiro de mudas, horta e um pequeno oratório.

³ Capacidade de carga: é uma metodologia desenvolvida para o manejo de áreas turísticas ao ar livre (Seabra, 1999)



Figuras 5 e 6. Infraestrutura do atrativo disponível aos visitantes e turistas

Fonte: o autor

Outra atividade que a E.M.E oferece em seus atrativos é a cavalgada (figura 9) para os que desejam uma interação maior com a natureza e pretendem conhecer um pouco mais sobre a cultura local. A E.M.E oferece passeios a cavalo pelas matas e morrarias da região.



Figuras 7 e 8. Infraestrutura do atrativo disponível aos visitantes e turistas

Fonte: o autor

A atividade é realizada em grupos de até oito visitantes, sempre acompanhados por um monitor experiente que durante o percurso conta um pouco sobre as histórias da região. Com os cavalos mansos e treinados, o passeio oferece toda a segurança necessária para momentos de diversão e tranquilidade, tanto para crianças quanto para os adultos tendo assim momentos inesquecíveis de contato com a natureza da região.



Figuras 9. Infraestrutura do atrativo disponível aos visitantes e turistas
Fonte: o autor

Acessibilidade dos equipamentos disponibilizados aos visitantes e turistas no atrativo.

Para complementar o processo de levantamento de dados primários e análise elaborou-se uma entrevista com o gestor do atrativo onde foram questionados aspectos da infraestrutura existente e adequada a receber pessoas com necessidades especiais e situações que exigem adequação por parte do atrativo, demandando investimentos.

Quando questionado sobre a existência no atrativo E M.E de locais com limitações estruturais (banheiros, erário, restaurante, receptivo) que porventura dificultariam o acesso de visitantes e turistas com mobilidade reduzida nos passeios, o entrevistado respondeu:

“Existem sim limitações estruturais no atrativo que inviabilizam a mobilidade de uma pessoa com algum problema físico. Na Mimosa a questão da geografia é um fator bem importante porque a fazenda fica cravada em meio serra da Bodoquena literalmente, então, subidas descidas áreas com desníveis são muito comum por aqui no atrativo e as nossas estruturas hoje não tem o acesso ideal para pessoas com baixa mobilidade”. (Dados de entrevista, 2018)

Ao insistir no tema da mobilidade e da acessibilidade dos espaços de visitação turística do atrativo (cavalgada, trilhas, cachoeiras) e se os mesmos apresentavam as adaptações necessárias para receber visitantes e turistas com mobilidade reduzida a resposta se manteve e os aspectos geográficos ganharam ainda mais peso, tendo em vista,

“como o relevo da região é bem acidentado, dificulta a integração dessas pessoas em nossos passeios. Hoje a nossa estrutura de trilha, ou seja, cavalgada o passeio principais que são as cachoeiras não traz boas estruturas e viabilidade para alguém como alguma locomoção limitada” (Dados de entrevista, 2018)

A contingência de casos de visitação de pessoas com mobilidade reduzida ou temporária na questão: “Como é realizada a contingência em ambos os casos desses obstáculos, ou seja, como são superados pelos grupos de pessoas com mobilidade reduzida atualmente?” perdeu sentido, tendo em vista o entrevistado insistir em justificar as falhas de gestão do atrativo na questão geográfica, o

que de certa maneira sugere que o público visitante do destino Bonito/MS deve ser alertado sempre que decidir pela visita ao atrativo Estância Mimosa Ecoturismo acompanhado de pessoas com alguma mobilidade reduzida permanente ou temporária do fato de não haver como bem receber esse público.

Outro questionamento foi se a E M E se preocupa em capacitar sua equipe de colaboradores para atender visitantes e turistas com algum tipo de necessidade especial ou mobilidade reduzida foi realizada e complementada com o perfil quantitativo dos capacitados tendo em vista o atrativo ser certificado internacionalmente pela ISO: 21101

“Uma das diretrizes da Estância Mimosa Ecoturismo é sempre preparar os seus colaboradores para melhor atender sempre o cliente, como comentado nas questões anteriores como hoje não temos acessibilidade e estruturas onde o espaço ainda não é preparado para receber esse tipo de cliente hoje a gente não desempenha nenhum treinamento específico para atender esse tipo de visitante uma vez que ele não é o foco do empreendimento a ação sobre isso”. (Dados de entrevista, 2018)

Quando a questão sugeriu a contratação de funcionários com mobilidade reduzida, idosos, conforme a lei Federal⁴ de nº 8.213 – 91 a resposta foi no sentido de apontar para as capilaridades do trabalho realizado dentro da fazenda que não se mantém exclusivamente da atividade turística como nas demais empresas do grupo rio da prata, dessa maneira, os requisitos físicos mínimos são relacionados à contratação se referem ao tipo de função e cargo existentes.

“A gestão do Grupo Rio da Prata ela funciona segmentada mais integrada ao mesmo tempo, digo isso porque dentro das fazendas onde funciona a operação é muito difícil a gente conseguir manter um funcionário nesse perfil sendo que muitas vezes é necessário o funcionário desempenhar uma alta atividade física ou então trabalhar em períodos de tempo maior pela demanda do turismo. Dentro da fazenda a gente não tem nenhum funcionário que se enquadra nesse perfil, mas toda parte administrativa, financeira e marketing fica no escritório em Campo Grande e lá tem pessoas com esse perfil”. (Dados de entrevista, 2018)

Sobre o planejamento de curto e médio prazo e a gestão direcionados a adequação das atividades para visitantes e turistas com mobilidade reduzida questionou-se as ações que estavam em curso por parte do atrativo. Nesse sentido, apontou-se as necessidades de adequação verificadas pelo pesquisador em visitas técnicas realizadas e também durante o estágio supervisionado obrigatório realizado no mesmo empreendimento para justificar a questão levantada

“Existe sim um planejamento para podermos atender essa demanda de pessoas com algum tipo de mobilidade reduzida. A Estância Mimosa Ecoturismo é um atrativo que busca ser referência de qualidade, segurança e também inovação dentro da cidade de Bonito essa é uma questão que ainda é limitada sendo poucos atrativos que trabalham focando nesse tipo de perfil de público. Como foi comentado nas questões anteriores a gente ainda não consegue atender pelas nossas limitações de estruturas mais existe sim um planejamento a curto médio prazo para que possamos atender esse público e de também ser referência assim como em outros lugares”. (Dados de entrevista, 2018)

⁴ Lei nº 8.213 – 91 Lei Federal



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

Nessa linha de questionamento solicitou-se como essas adequações trariam impactos ambientais a RPPN Estância Mimosa Ecoturismo e ainda, como seriam planejadas e implementadas essas adequações, esses projetos, tendo em vista a execução com menor impacto possível, seguindo as orientações de não se provocar alterações em unidades de conservação de uso sustentável dessa categoria.

“Um das principais diretrizes da Estância Mimosa Ecoturismo é de desenvolver atividades no meio natural causando o mínimo de impacto possível, dentro da instituição existem colaboradores técnicos que desempenham essa função monitoram e avaliam todo o impacto gerado pela visita. Sem qualquer interferência antrópica em meio natural ela causa um determinado impacto e só pode ser mensurado depois de um tempo. E caso ocorrer essa reforma de estruturas e planejamentos para adequação a estrutura dos passeios para receber esse perfil de visitante com certeza isso vai gerar um determinado impacto e isso vai ser medido, pesquisado e mensurado antes da aplicação disso e posteriormente também irá ser avaliado para conseguirmos acompanhar até que ponto esse impacto foi negativo ou não no ambiente em si”. (Dados de entrevista, 2018).

Ao finalizar a entrevista parte-se para as considerações finais da pesquisa elencando outras possibilidades de pesquisa posteriores e também sintetizando a percepção do autor sobre a temática até o momento pesquisada e apresentada nesse artigo. Cabe enfatizar que a observação dos problemas se deu em dois momentos distintos. O primeiro durante a realização do estágio supervisionado obrigatório, e o segundo numa visita técnica no qual podemos obter mais dados confiáveis para a pesquisa. Observou-se nos dois momentos que os passeios pelas trilhas e cachoeiras da E.M.E tem o trajeto total percorrido de aproximadamente 2.800 km de extensão e em média a duração do tempo de três horas e meia. Observou-se ainda que a trilha é de cascalho e conta com lances de degraus de escada, pontes e plataformas de observação, com efeito, pessoas com algum tipo de mobilidade reduzida dificilmente poderiam usufruir das paisagens que os passeios oferecem. Desse modo, foi proposto ao gestor do atrativo E.M.E a criação de uma nova trilha com adequações diminuindo o tempo e o percurso dos passeios pelas trilhas e banho nas cachoeiras, reduzido de três horas e meia para o máximo duas horas. E de 2.800 km para 2 km de extensão. Identificaram-se necessárias as adequações das trilhas, em alguns pontos tais como: a instalação de tijolos ecológicos, substituir os degraus que estão não só nas trilhas, mas também nos decks para descida no rio para banho, substituir por rampas e passarelas com a largura de 120 centímetros. Também a capacitação dos funcionários para a condução dos cadeirantes nos passeios para que o turista que utiliza uma cadeira de rodas faça seu passeio por todos os pontos do atrativo.

Considerações finais

Esse trabalho avaliou a acessibilidade por meio de uma metodologia que incorporou os principais fatores que interferem na acessibilidade analisando também a importância de adequação do atrativo e também para efetivação de projetos de adaptação de estruturas.

A coleta de dados possibilitou o contato direto com o gestor e a percepção das necessidades e a particularidade desse atrativo. Os resultados obtidos em pesquisas estruturadas na empresa do segmento de turismo em ecoturismo são apresentados a partir do assunto que foram tratados de forma ao interesse de melhorias na questão que se refere a adaptação com o referencial teórico e são incluídas entrevistas do gestor. Onde foram questionados aspectos da infraestrutura existente e adequada para receber pessoas com necessidades especiais e situações que exigem adequação por parte do atrativo demandando investimentos.

Conforme os resultados obtidos na pesquisa de campo e nas entrevistas realizadas existem limitações estruturais no atrativo E.M.E que inviabilizam nas visitas de pessoas portadoras de necessidade especiais em quase a totalidade dos casos. Observou-se que a questão geográfica do local, que é área de entorno do Parque Nacional da Serra da Bodoquena, e o fato de ser uma unidade de conservação de uso sustentável limitam a possibilidade de grandes modificações estruturais no atrativo, sob o ponto de vista técnico, o estudo possibilitou avaliar de forma efetiva o percurso, o que permitiu pontuar áreas críticas na tentativa de colaborar com o processo de gestão do atrativo auxiliando, desse modo, nas decisões de alocação de recursos disponíveis, atendendo às reais necessidades desse grupo.

Para avaliação dos percursos e identificação de locais de interesse utilizou-se o aplicativo Wikiloc que se encontra associado ao GPS para determinar o formato das trilhas, para a sugestão e adequação de sinalização de níveis de dificuldade de acesso a pessoas com mobilidade reduzida e também que os visitantes e turistas possam desfrutar o percurso pela técnica autoguiada.

Essa pesquisa, aliada a outras que abrangem o mesmo tema, são importantes para a disponibilização de dados recentes a respeito da acessibilidade no Mato Grosso do Sul. Considerando o fato de que a presente pesquisa limitou-se a trabalhar com a estrutura física, e seus atrativos e com seu respectivo gestor, fica como sugestão para uma próxima pesquisa, fazer um trabalho de campo com foco na visão do consumidor turista, pessoa com mobilidade reduzida, com base na experiência vivida. Para que os resultados desejados sejam alcançados com sucesso, é necessário que o pesquisador inicie a coleta de dados com grande antecedência.

Dessa maneira, ele poderá obter uma amostra com qualidade, ou seja, ele conseguirá captar as expectativas e perspectivas das pessoas com deficiência em relação aos equipamentos da E.M.E.

Com base nestas considerações, conclui-se que o Brasil ainda não pode ser considerado como um país turisticamente acessível e os casos de referência de que se tem notícia, por si sós, não justificam essa menção. É preciso que os principais destinos turísticos do país possam garantir espaços acessíveis, atendendo a uma questão de equidade e de livre acesso a todos sem restrições e preconceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT (2004). NBR 9050. Norma Brasileira de Acessibilidade de Pessoas Portadoras de Deficiência às Edificações, Espaço Mobiliário e Equipamentos Urbanos. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas.

ANDRADE, W. J. De. 2005. **Manejo de trilhas para o ecoturismo. In: Ecoturismo no Brasil.** Rita Mendonça, Zysman Neiman (Org.). Barueri, SP: Manole.

BAPTISTA I. 2002. **Lugares de hospitalidade. In DIAS, C. (ORG) Hospitalidade, reflexões e perspectivas.** São Paulo: Manole.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. 2005. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 2, n. 1 (3), janeiro-julho, p. 68-80.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm. Acesso em: 05 outubro. 2018.

CAMARGO, L.O.L. 2007. **A pesquisa em hospitalidade. In: Congresso Brasileiro De Ciência Da Comunicação.** 2007, Santos. **Anais...** São Paulo: Intercom. CD-ROM.

CAMPOS, R.F. & FILLETO, F. 2011. Análise do perfil, da percepção ambiental e da qualidade da experiência dos visitantes da Serra do Cipó (MG). Revista Brasileira de Ecoturismo 4: 69-94.

CAVENAGHI, Airton José & MARIO, Larissa Resende. 2015. **Hospitalidade nas atividades turísticas em Brumadinho-MG: Reflexões.** CAD. Est. Pes. Tur. Curitiba, v.4, nº 4, p. 20-38.

CEBALLOS-LASCURÁIN, H. 1990. “El Turismo u las Areas Protegidas en América Latina y el Caribe”. In: Flora, Fauna y Areas Silvestres. FAO/PNUMA. Santiago, Chile.

CHÁVEZ, E. S. y ROSABAL, P.M. 1993. “Ecoturismo em Áreas Protegidas”. In: Flora, Fauna y Áreas Silvestres. FAO/PNUMA. Santiago, Chile.



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

COELHO, E. F. C.; M, D. D. G. (coord.); PIVATTO, M. A. C.; MARIA, V. R. B.; DULEBA, S.; MILANO, M. Z.; MAINCHEIN, J. C.; SABINO, J.; ANDRADE, L. P. 2006. **Diagnóstico e Plano de Manejo da Reserva Particular do Patrimônio Natural Cabeceira da Prata, Jardim – MS.** Programa de Incentivo às Reservas Particulares do Patrimônio Natural. Conservação Internacional do Brasil - Associação dos Proprietários das RPPNs de MS - Recanto Ecológico Rio da Prata. Jardim, MS, 2006. 350p.

CORAZZA, Maria Alice. 2001. **Terceira idade e atividade física.** São Paulo: Phorte Editora.

COSTA, V.C. 2006. Proposta de manejo e planejamento ambiental de trilhas ecoturísticas: um estudo no Maciço da Pedra Branca - município do Rio de Janeiro (RJ). Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. 2006. **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna (Org). Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2 ed. Porto Alegre: ARTMED.

DEVILE, Eugénia Lima; JESUS, Fernanda & CRUZ, Ana Inês Cruz. 2011. **O desenvolvimento de turismo acessível na Lousã: Perspectiva dos Agentes locais do sector do turismo.** *Book of Proceedings.* Vol 1 – *International Conference on Tourism & Management Studs.*

EISENLOHR, P.V., MELO, M.M.R.F. & SILVA, A.V. 2009. Trilhas afetam comunidades arbóreas florestais? Dois levantamentos na Floresta Atlântica do sudeste brasileiro. *Hoehnea* 36: 293-302.

ESTÂNCIA MIMOSA. 2015. **Informações sobre: Estância Mimosa Ecoturismo.** Disponível em: www.estanciamimosa.com.br Acessado em 25 abril. 2018

IKEMOTO, S.M., MORARES, V.C. & COSTA, V.C. 2009. Avaliação do potencial interpretativo da Trilha do Jequitibá, Parque Estadual dos Três Picos, Rio de Janeiro. *Sociedade & Natureza* 21: 271-287.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. 1996. *Técnicas de pesquisa.* 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas.

LUIZ & TEIXEIRA, 2016. **A Acessibilidade de idosos e as Unidades de conservação: reflexões rumo à democratização dos espaços públicos de lazer.** *Revista Turismo - Visão e Ação - Eletrônica*, Vol. 18 - n. 1.

MANÇO, D. De G. & COELHO, E. F. 2000. **Estudos de caso em ecoturismo: Estância Mimosa, Bonito, MS, Brasil.** III Simpósio sobre Recursos Naturais e Socioeconômicos do Pantanal. Os Desafios do Novo Milênio, Corumbá, Mato Grosso do Sul.

MATTAR, F. N. 1996. **Pesquisa de Marketing.** São Paulo: Atlas.

MORITZ, T.; GURGEL, T. S.; COSTA, S. P. Trilhas interpretativas como meio de conscientização e sensibilização: um estudo com participantes das trilhas da unidade de conservação Parque Estadual das Dunas de Natal-RN. *INTERFACE.* Natal, RN, v. 2, p. 130- 150, jan/jun. 2014.



Fórum Internacional de Turismo do Iguassu

NEIMAN, Z; MENDONÇA, R. 2000. **Ecoturismo: discurso, desejo e realidade**. Turismo em Análise, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 98-110.

PIRES, Paulo dos Santos. 2002. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo.

RUDZEWICZ, L. 2006. Ecoturismo em Reservas Particulares do Patrimônio Natural e seu papel na conservação dos ecossistemas brasileiros. 2006. 175p. Dissertação (Programa de Pesquisa e PósGraduação, Mestrado em Turismo)–Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.

RUDZEWICZ, Laura; TEIXEIRA, Paulo R.; LANZER, Rosane; SHAFER, Alois. 2008. Turismo e Recursos Naturais: a visão das comunidades dos municípios do litoral médio e sul do Rio Grande do Sul. In: SeminTUR. Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina. Universidade de Caxias do Sul - UCS, Caxias do Sul.

Seabra, L. dos S. (1999). Determinação da Capacidade de Carga Turística para a trilha principal de acesso à Cachoeira de Deus – Parque Municipal Turístico-Ecológico de Penedo, Itatiaia-RJ. Dissertação de Mestrado, CEG/IG/PGCA.

SILVA, L.O. & FIGUEIREDO, L.A.V. 2011. Racionalidades e sensibilidades em trilhas interpretativo-perceptivas: promovendo ações formativas de Educação Ambiental na Vila de Paranapiacaba-Santo André (SP). Revista Brasileira de Ecoturismo 4: 25-58.

SILVA, V. M.; SORIANO, A. J. A trilha ecológica como recurso didático para professores da rede pública. ANAIS DO SEMEX, v. 3, n. 3, 2015.

SILVA, G.G.L.; TELES, R.M.S. 2014. **Acessibilidade no Ecoturismo e Turismo de Aventura: atuação do poder público e privado**. Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.7, n.2, maio/jul 2014, pp.269-289.

YAU, M. K.-S., MCKERCHER, B. & PACKER, T. L. 2004. *“Traveling with a Disability - More than an Access Issue”*, *Annals of Tourism Research*, 31, 946–960.